

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário da Tarde Class.: 131

Data: 04/11/87 Pg.: _____

ÍNDIOS

190

Xacriabás são divididos pela Funai

Depois de três anos de luta com os grileiros, os 4500 índios da tribo Xacriabá, da cidade de Itacarambi, estão agora brigando entre eles. A situação vem se agravando desde o início do ano, quando três índios foram mortos numa chacina até hoje inexplicada. Retirados os posseiros, as terras ficaram livres e a Funai, num gesto que segundo os índios, não passou de incitamento, determinou que apenas seis índios tomassem conta de uma extensão territorial de 46.415 hectares. Cheios de desmandos eles estão expulsando famílias, destruindo plantações e provocando a guerra.

Uma família denunciou os fatos e previu o agravamento da questão caso as autoridades não tomem uma decisão imediata de salvá-los. Antônio João de Araújo, a esposa Antônia Gomes de Oliveira e a filha Maria Aparecida Gomes de Oliveira depois de andarem 24 quilômetros a pé, ameaçados que foram de deixar a terra, contaram com a ajuda de pessoas e chegaram a Belo Horizonte.

No Conselho Indianista Missionário eles contaram sua versão de um conflito que ainda poderá matar muitas famílias. "Depois que os posseiros deixaram nossas terras, informa Antônio João de Araújo, ficaram apenas os grandes fazendeiros que receberiam indenização pelas terras, pois tinham cobertura total da Funai. Neste Interim o cacique Manoel Rodrigo de Oliveira nomeou seis índios como representantes das aldeias. Com a terra totalmente livre eles dividiram-nas entre si e seus familiares, deixando centenas de famílias desabrigadas ou misturadas umas as outras, pois foram os grandes beneficiados".

Aldeias inteiras como a de São Jominogs, onde residem Antônio João e

seus familiares, estavam abandonadas. "Ocupei uma casa muito pequena onde coloquei minha família de cinco filhos, netos e mais parentes. Plantei toda a horta que deve medir 100 metros por 70 metros. Até aí eles não falaram nada, informou João. Mas agora que a terra está toda plantada, já dando resultado, com milho, mandioca e feijão, depois que trabalhei doente e com dificuldades gastei muito dinheiro, eles querem que eu desocupe a área. Foi quando nos ameaçaram e tive que sair correndo com a família deixando tudo para trás".

Nas primeiras ameaças, João Antônio foi até a Funai em Governador Valadares pedir que seus direitos fossem reconhecidos. Há um mês a Funai enviou uma carta para a Delegacia Regional de Itacarambi pedindo que tudo se resolvesse. "Foi quando o chefe do posto da cidade, o Adão, que não é índio, mas trabalha para a Funai, junto com Carlos, o motorista Adelino e o Cacique Manoel Rodrigo de Oliveira num jipe, da Funai, acompanhados de mais seis índios, sendo que dois deles eram representantes das aldeias, atacaram nossa casa por volta das três horas da tarde, ameaçando-nos com carabinas, revólveres e outras armas", disse João Antônio.

Apoio da Administração

Segundo Fábio Alves dos Santos, coordenador do Cime região leste, esta situação é comum na região. "Só que não podemos deixar ocorrer novas tragédias". O que está sendo lesado é o direito deste índio que já são donos das terras. E estão sendo lesados pelo próprio tutor deles que a Funai, pois esse ataque aconteceu com representantes da Funai. Essa é uma típica ação de tutor infiel. Por



Antônio João abandonou suas terras com medo das ameaças

isso hoje vamos à Defensoria da República, junto a políticos e advogados, para apresentar a questão e os índios só retornarão às suas terras se tiverem garantias de vida".

Segundo Fábio Santos, antes o problema era com os posseiros, hoje são com os funcionários da Funai. "Eles estão explorando os índios das 22 aldeias de Itacarambi. Os funcionários determinam e os índios têm que cumprir, senão são mortos como foram já três em fevereiro último. Os índios não têm trânsito livre e até o administrador local da Funai, Lúcio Flávio Coelho, está dando cobertura à ação vergonhosa destes funcionários".

Os índios pareciam assustados na entrevista com a imprensa, pois tiveram suas vidas ameaçadas, mas mesmo assim querem reivindicar seus direitos. Muitos têm medo de ser mortos como foram os três índios no início do ano. Eles estiveram em Belo Horizonte para fazer denúncias parecidas e quando voltaram foram mortos.

"Eu estou muito preocupada, dizia Maria Aparecida Gomes, filha de Antônio João. Tenho seis filhos, a mais velha tem apenas sete anos. Só trouxe este menor e não sei como ficaram todos lá. Pre-

ciso voltar mas tenho medo de ser morta. Quando eles quiseram nos tirar de nossas casa, nos ameaçaram. O Rodrigo que é o cacique, chegou a atacar os índios, tentando nos bater. Nós saímos correndo. Andamos 24 quilômetros durante toda a noite até as missões, de lá pudemos vir para Belo Horizonte com a caridade das pessoas. Temo que eles já tenham derrubado nossa casa como prometeram. Fizeram isso com minha casa e tive que ir para a casa de meus pais. Antes eles queriam que eu ocupasse terra de uma família que eu nem conhecia, tentando fazer com que a gente brigasse".

O procurador da República, Carlos Vitor Muzzi, responsável por essa questão, deverá dar uma resposta aos índios, pois segundo eles, sem segurança pessoal, eles não voltam. "Depois disso — informa Fábio Santos — nós do Cime, junto a uma delegação de representantes políticos, padres, líderes comunitários, vamos às 22 aldeias, e mais especialmente nas Barreiro, Sapé, São Domingos e Defuntá onde a situação dos índios Xacriabá está mais emergente, pois elas também são pólos que congregam as outras aldeias".